

# POTÊNCIAS DE UM CURRÍCULO ARTÍFICE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Roniqueli Moraes Pantoja<sup>1</sup>

Julian Karla Diniz Neris<sup>2</sup>

Josenilda Maria Maúes da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** A escritura reúne formulações que potencializam a produção de uma pesquisa-experimentação, no *intermezzo* conceitual da perspectiva pós-estruturalista e da filosofia da diferença, com movimentos do pensamento entre educação e currículo e arte e filosofia e ciência, virtualidades disparadoras de novas ventilações para a escola, que aumentam a potência de agir nas tramas que ali se desenvolvem. A formulação faz parte de alguns bons encontros: uma escola de educação básica da cidade de Belém, um currículo artífice, o arsenal deleuziano da Filosofia da diferença e deslocamentos conceituais para construção da pesquisa em currículos outros na educação básica. Tal composição experimenta a questão: O que pode um currículo-artífice? Em movimentos cartográficos com a escola, um currículo produz invencionáticas e imagens curriculares outras, artesanias e invenções. Um currículo assim pensado, inventado, fabulado, que movimenta pequenuras, traquinagens com memórias, fatos, linhas de tempo, porque quer ser inventor, de invenções que sirvam para aumentar o mundo, um outro mundo, além-mundo, de um povo por vir. Então inventa-se uma educação... inventa-se uma escola... inventa-se um currículo... inventa-se um currículo artífice... inventa-se artesanias... inventa-se vidas... desejos... iluminuras para a potência de bons encontros, bons afetos... aumenta-se a potência de agir... e... e... e...

**Palavras-chave:** Filosofia da diferença; currículo; invenção.

**Abstract:** The writing brings together formulations that potentiate the production of a research-experimentation, in the conceptual *intermezzo* of the poststructuralist perspective and the philosophy of the difference, with movements of the thought between teaching and curriculum and art and philosophy and science, virtualities triggering new directions for the school, which increase the power of acting in the plots that develop there. The formulation is part of some good meetings that happened: a school of basic education in the city of Belém, an artificer curriculum, the Deleuzian arsenal of Philosophy of the difference and conceptual displacements to build research in other curricula in basic education. Such composition experiences the question: What can do an artificer-curriculum? In cartographic movements with the school, a curriculum produces inventions and other curricular images, crafts and inventions. A so thought curriculum, invented, fabled, that moves small things, pranks with memories, facts, timelines, because it wants to be an inventor, inventions that serve to increase the world, another world, beyond world, of a people to come. Then an education is invented... a school is invented... a curriculum is invented... an artifice curriculum is invented... crafts are invented... lives are created... wishes... illuminations for the power of good meetings, good affections... it increases the power of acting... and... and... and....

**Keywords:** Philosophy of the difference; curriculum; invention

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica-PPEB/NEB/ UFPA. Linha de pesquisa Currículo da Escola Básica. E-mail: [roniqueli@yahoo.com.br](mailto:roniqueli@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica -PPEB/NEB/UFPA. Linha de pesquisa Currículo da Escola Básica. E-mail: [juliadinizneris@yahoo.com.br](mailto:juliadinizneris@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica da Universidade Federal do Pará– PPEB-NEB-UFPA. E-mail: [josimaues@gmail.com](mailto:josimaues@gmail.com).

## Um currículo artífice

*Uma cena....* Tarde chuvosa, uma escola, um currículo, como outras e outros, um território estriado e sedentário, império do tempo *chronos*. A cada 45 minutos, mesmo movimento: sai professor, entra professor, alunos circulam pelos corredores, conversam, gritam, correm, disputam o bebedouro e os banheiros. Professores, coordenadores e outros profissionais da escola tratam de organizá-los e fazê-los voltar às salas. Silêncio nos corredores: novamente, normalidade! É possível, também, observar outro movimento. Crianças deixam suas salas de aula hexagonais, um devir-enzyme de alunos-abelhas deixando os alvéolos hexagonais das colmeias. Estão sozinhas, a professora-abelha rainha não as acompanha, vão correndo, atravessam pelas passarelas da escola, aceleram a corrida para chegar numa espécie de coreto coberto ao centro. Uma breve parada e retomam a corrida! Cuidado para não escorregar, o piso está molhado! Travessia feita e a corrida continua nas passarelas do outro lado.... Outro lado de uma mesma escola? Mesmo território? Chegam à sala de destino, uma grande mesa de madeira retangular no centro, em sua volta vários bancos, disputados e ocupados pelos alunos. Eles seguem sentados, conversando muitos assuntos até que a professora-oficineira, num balcão no fundo da sala, pega em suas mãos uma espécie de fio de metal, corta uma barra grande de argila em várias tiras horizontais e, depois, num corte vertical, divide-a em vários pedaços e os distribui aos alunos... aí inicia uma oficina de Sensibilização em uma escola de educação básica.

Cenas como esta fazem parte das atividades rotineiras da escola possivelmente, em outras salas, outras oficinas, outros movimentos, outros alunos, outros professores-oficineiros, outras atividades, outras dinâmicas, talvez em oficinas de Expressão Corporal, Música, Educação Alimentar, Educação Patrimonial, Oficina da Terra e Educação Ambiental, Beneficiamento de Argila, Torno, Decoração em Cerâmica. Talvez acontecendo de forma isolada, talvez em conjunto, mas, acontecendo em um Núcleo de Artes, como parte de um currículo escolar da educação básica. Uma escola? Um currículo? Quais aprendizagens?



Figura 1: Oficina de sensibilização em argila – Fonte: a autora, 2016.

Feituras em oficinas que produzem cenas de um currículo outro em movimentos na educação básica e em uma composição empírico-epistemológica potencializam o acompanhamento de processos de um currículo, aqui denominado artífice, em seus movimentos de devir artístico. Aquilo que se passa em oficinas como a de torno, desenho em argila, música

ou expressão gráfica, nas quais mestres-artesãos, professores e alunos compõem outros possíveis em educação, linhas de fuga ao currículo formalmente instituído, devires em educação a partir das criações artísticas locais, que experimentam formas variadas de dizer-se.

Uma experiência com uma escola, que acontece no entre, entre fronteiras de filosofia e arte e ciência, na qual se pode ser afetado pela escola também como espaço do entre. Neste caso, pode-se pensa-la como um território de passagem, que, embora geograficamente localizado no Distrito de Icoaraci, na cidade de Belém, movimenta-se entre-vidas e movimenta vidas. Vidas dos mestres-ceramistas do distrito que, de diferentes formas, atravessam a escola, e vidas de profissionais da educação e de alunos que traduzem em artistagens formas de viver, sentir, pensar e produzem uma escola e um currículo em devires.

Nesses aspectos, podemos acompanhar/experimentar como um currículo artífice engendra movimentos na educação básica, ao por em funcionamento práticas de artistagem em argila, que, sendo pensadas como formas de conservação da identidade local, das tradições com as formas de extrair, moldar, queimar e comercializar a argila, em peças de cerâmicas de suas origens marajoaras, por exemplo, produzem formas outras de existência, de criação, de artesanias como forma de movimentar desejos. Quando alunos, professores e oficineiros juntos inventam e movimentam os mais variados fazeres, criam possibilidades outras de arranjos e invenção na escola.

Tais processos inventivos ao perpassarem vidas, possuem potência de deslocamento das imagens curriculares da educação básica, como formas de borrar fronteiras em conexões outras entre a arte e a matemática e oficinas de dança e patrimônio e grafismo e decoração em argila, como as experimentadas pelo Projeto Etnoconexões, que fabula interseções e movimenta artistagens em torno de criações deste currículo artífice.

Das afetações experimentadas pelas linhas que tramam um currículo, podemos problematizar a educação básica, sua estrutura organizacional, suas disciplinas, capturando linhas de fuga, em cartografias, ser afetado pelo que se passa na escola e compor experimentações diferenciadas, fazendo articulações e bricolagens, montando, desmontando e remontando o já tido, com composições, decomposições, recomposições, questionamentos, interrogações (PARAÍSO, 2014), operando com deslocamentos conceituais para inventar o novo, novas formas de pesquisar, novas formas de pensar a educação e o currículo.

Entre potências criadoras da filosofia, ciência e arte (DELEUZE; GUATTARI, 1997), experimenta-se o currículo escolar fora de formas dogmáticas de pensar, investindo em provocações desterritorializantes rumo à invenção de novas imagens curriculares. Na potência de uma imagem currículo-colmeia, com salas de aula-alvéolos hexagonais, movimentada por abelhas-operárias, abelhas rainhas e zangões, em deslocamentos de funções no fazer educacional. Devires entre alunos, professores, mestres-artesãos e oficineiros, uma escola-galeria de artes, que produz invenções e criações no devir-artista dos que a tecem em diferentes linhas.

Encontrar condições sob as quais algo de novo é produzido, rizomaticamente embarcar em uma viagem conceitual sem mapas prévios, fazer variação contínua dos conceitos e dos problemas e espalhar-se como rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), alargando os significados dos currículos, que tradicionalmente foram resumidos à prescrição, num movimento de perseguição das imagens de pensamento que colocam em funcionamento devires curriculares dos atravessamentos da arte e da cultura na escola, como uma imagem curricular outra na educação básica.

Um pensar movimentado pela filosofia da diferença com a tonalidade do pensamento deleuziano, que é marcadamente de criação, expressa em três verbos: traçar (o plano de imanência), inventar (os personagens conceituais) e criar (conceitos filosóficos). Mas, a ação criadora do pensar não se limita apenas à filosofia. Para Deleuze e Guattari (1997), ciência e arte são também potências criadoras. A ciência tem por objeto as funções, functivos, traça um plano de referência, com o auxílio de intercessores, observadores parciais. Não objetiva erigir um conceito como a filosofia,

mas traçar uma função. A arte, por sua vez, produz blocos de sensações, um composto de perceptos e afectos, traça planos de composição, com a ajuda de personagens estéticos.

São três formas de pensar, sobre as quais não há hierarquias; elas se entrecruzam/entrelaçam, cortam o caos de diferentes maneiras e funções. Pensar por conceitos, por funções ou por sensações. A filosofia erige acontecimentos por meio de conceitos, a arte ergue monumentos por suas sensações e a ciência cria estados de coisas com suas funções.

A filosofia é a teoria das multiplicidades (DELEUZE; PARNET, 1998), de elementos atuais e elementos virtuais. De um lado coisas, estados, indivíduos, objetos atuais. Do outro, liberdade, incerteza, indeterminação e velocidade, forças, vetores, diferenciais em movimento, imagens virtuais que formam troca perpétua entre atual e virtual. Movimentos de atualização e cristalização, atual e virtual, se distinguem e intercambiam, formando zonas de indiscernibilidade num plano de imanência. O pensamento deleuziano se interessa pelo que passa entre o atual e o virtual, como fluxos e movimentos se transformam, se atualizam, diferenciam. Em vez da essência do ser, estática, o pensamento da diferença enfatiza os processos de movimento, de devir.

Devir como relações de movimento e repouso, velocidade e lentidão, em nível molecular, que acontece numa zona de vizinhança entre moléculas compostas e cria uma zona de indeterminação ou incerteza, de indiscernibilidade, capaz de desterritorializar, bifurcar, “extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 67).

Para Deleuze e Guattari (1997), a dimensão criadora do pensamento em arte conserva um bloco de sensações, um composto de perceptos e afectos, no qual perceptos não são percepções e afectos não são sentimentos ou afecções. Como a arte é um ser de sensação que existe em si, independe do estado daqueles que os experimentam (percepção) e, ao mesmo tempo, transborda a força daqueles que são atravessados por eles (afecções).

O pensamento da diferença deleuziano, ao ressoar numa leitura do currículo da educação básica, pode participar da composição de formas, investindo em bifurcações, em proposições outras de ver/sentir/fazer para vazar/rachar, concebendo-o tal como Paraíso (2010, p. 588),

Um currículo é diferença por natureza; é pura diferença; é diferença em si. Afinal, é um território de multiplicidades de todos os tipos, de disseminação e saberes diversos, de encontros “variados”, de composições “caóticas”, de disseminações “perigosas”, de contágios “incontroláveis”, de acontecimentos “insuspeitados”. Um currículo é, por natureza, rizomático, porque é território e proliferação de sentidos e multiplicação de significados. Apesar de todos os poderes que fazem o controle, demarcam as áreas e opinam sobre como evitar desorganização em um currículo e que demandam sua formatação, tudo vaza escapa.

No potencial da recriação e reinvenção do currículo em outras formas de fruição artística, redesenhar um currículo potencialmente capaz de romper com as organizações curriculares sedentárias que vivenciamos na escola, balizadas por saberes instituídos e amortizados, liberando corpos e mentes, valendo-nos da arte como caminho para a criação em educação... Ao modo deleuziano, isso implica investir em movimentos de criação que desfaçam o território de um currículo e desterritorializem espaços virtuais num devir.

O devir desse movimento é, pois, o recomeço da criação. Provoca-nos a pensar um outro currículo “arteiro, fabuloso, desenraizado, inventivo” (COSTA, 2013, p. 150). Num movimento de devir artista de um currículo, onde a arte transborde os limites disciplinares e conjugue elementos, forças, profusão de ideias, desejos, sensações, num plano inventivo para a educação. Imagens curriculares experimentadas nas invencionices que movimentam as oficinas de um

Núcleo de Artes em experimentos inusitados, conexões e arranjos com o artesanato ceramista local, zonas de vizinhanças entre professores e alunos e mestres-artesãos e oficineiros, que os arrastam em diferentes composições. Uma trajetória múltipla balizada por misturas, composições heterogêneas, conceituais, rizomáticas, de ideias, linhas, sons, cores, que desencadeiam forças de um currículo como arte e criação.

Essas formas outras de pensar a educação e o currículo impulsionam e tensionam o currículo da educação básica, fabulando formas outras de sentir/fazer/pensar atos educativos, colocando atos criativos no cerne dos fazeres, experimentações que criem zonas de indiscernibilidade, agencie devires. Ou ainda, considerando como Corazza (2006), podemos pensar em uma teoria geral do currículo,

uma teoria generalizada dos fluxos. Políticas da criação. Intervenções micropolíticas. Contra fascismos. Não mais um sistema de crenças no lugar da produção. Nem formas expressivas. Não teatro íntimo. Nem familiar. Não estrutural. Nem neoidealismo da falta. Não simbólico. Nem culto restaurado da castração. Não ideologia antropomórfica. Nem sistemático. Não representativo. Nem figurativo. Figural é abstrato. Realidade: a do real em sua produção. Produção do currículo. Rosna. Zumbé. Uiva. Triângulo mágico. Pontos-signos. Essências vagas. Campos. Devires. Oficinas. Fábricas. Usinas. Uma nova terra. Um povo por vir. Ao longo da desterritorialização. Raspagens de ilusões, fantoches, culpas, leis. – Depressa, mas com prudência, com grande paciência. Currículo-esquizo. Inorganizado. Transbordante. Ziguezagueante. Só maquinico (CORAZZA, 2006, p. 74).

São os zum zum zunz dos alunos-abelhas que ressoam no devir colmeia de um currículo. Podemos pensar na imagem-colmeia, formada pelos alvéolos salas de aula hexagonais que se interconectam ao compartilharem suas paredes, em um complexo de produção e transformação de matérias. No devir colmeia, um currículo não é fechado, pois entre seus alvéolos há fluxos de um enxame que vazam e escorrem, num incontável movimento de afetar e deixar afetar-se. Fluxos de produções não puras, um coletivo, multiplicidades em agenciamentos. Uma imagem em devir outro, não mais currículo, não mais colmeia, um currículo-colmeia.

Em um currículo colmeia os movimentos de enxamear produzem a criação, alunos e mestres oficineiros transformam a matéria argila em artistagens, vêm o mundo de forma diferente e são produzidos em um mundo em constante mutação, entre forças de conservação e invenção. Uma produção que toma elementos de um fora das salas de aula hexagonais, a arte cerâmica, o néctar das oficinas, em cruzamentos e proliferações na escola.

Um currículo como artifício, um currículo artífice que movimenta devires artista em educação, com toda a força criadora da arte, em blocos de sensações, afectos e perceptos. Um currículo artífice que, ao deslocar-se para o campo estético, para o campo da criação, produz invencionices e resiste às invariantes. Pensado como artifício, em oposição às essências, investe naquilo que transparece, que se expõe e na composição de possíveis, movimentos nos quais não há interesse em escavar o que está por baixo, as profundidades, mas nos deslocamentos geográficos, entre fluxos, na superfície, produz um mapa móvel.

Para tanto, pensar um currículo em seus movimentos de devir-artista, ao adotar como campo empírico uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Belém, que, há 20 anos, põe em funcionamento um fazer educacional, com o que aqui denomina-se um currículo-artífice, traz à imagem do pensamento curricular potencialidades múltiplas nas mãos dos docentes, mestres artesãos, discentes e comunidade escolar que compõem diferentes experimentações curriculares, fabulam e experimentam processos criativos, colocando em

movimento um currículo-artífice, atravessado por devir artístico, no qual problematiza-se potencialidades e virtualidades: o que pode um currículo-artífice?

Pensando sob tais aspectos, tem-se aqui um texto-experimento, que faz parte das afetações de uma cartógrafa, que seguiu fluxos e devires de um currículo artífice em seus movimentos. Um texto ensaístico, em que cenas-fluxos, cenas-passagens, movimentam o pensar com uma escola, um currículo, que arrastam junto uma cartógrafa, já enredada, que acompanhou processos, como quem acompanha formigas, aqui entendidas como linhas de construção de uma dada realidade, vendo-as (des/re) alinhar e (des/re) montar e (des/re) compor. Uma pesquisa do Acontecimento, para a qual

escrever não é impor uma forma de expressão a uma matéria viva, mas trata-se de um procedimento informe, de um processo inacabado, de uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. E, quando o professor pesquisador critica-lê-escreve, fica comprometido com a Literatura do Acontecimento em Educação, necessitando ser um bom artesão, um esteta, um pesquisador de palavras, frases imagens, para atuar no limite, na ponta extrema, que separa o saber da ignorância, e os transforma (CORAZZA, 2013, p. 35).

Uma escrita ensaística que se movimenta com, para experimentar outros, como forma de dizer o indizível do que fora experimentado e fazer ver o invisível de um currículo artífice, movimentos que seguem pistas e pensam com Manoel de Barros: “Não use o traço acostumado. O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo. É preciso desformar o mundo: tirar da natureza as naturalidades” (2016, p. 55). Um exercício de transver uma escola e um currículo e... e... e...

### **Cenas e fragmentos e artistagens**

Pensar um currículo artífice como criação singular, nos gargalos de estrangulamento que o produzem/movimentam, as impossibilidades com as quais cria-se um possível na educação básica. Fluxos e devires, acompanhados no investimento em fragmentar a imagem-todo de um currículo, pois não é possível experimentá-lo na totalidade uma vez que

um currículo: (a) não se fundamenta em resultados ou na *expertise* de alguém, não prediz nem conserva certezas de conhecimentos estabelecidos; (b) desorbita a tradição e a faz abandonar suas elipses para inserir-se em outras; (c) reelabora o que extrai das culturas, trabalhando o sentido da novidade e da originalidade, não como transgressão ou interrupção, mas como arte da conexão e da experimentação, isto é, ousadia de querer pensar, deixar-se afetar e se apaixonar” (CORAZZA, 2010, p. 146, grifo da autora).

Sem verdades que preexistam a um currículo, mas verdades decorrentes de sua própria reformulação de conteúdos e expressão, dos problemas inventados, das formas de ver/sentir/pensar que põe em funcionamento, produzindo saberes, poderes e subjetividades, “sempre verdadeiros, segundo as verdades que ele introduz, passa, faz fugir. Não há, assim, resultados melhores ou piores de um currículo, em relação a outros, apenas os mais apropriados às verdades formuladas por cada um” (CORAZZA, 2010, p. 152).

Fragmentar um currículo, para fazê-lo fugir, operando com fluxos de intensidades, linhas as mais variadas, nos movimentos molares, moleculares e segmentares, que, em cruzamentos diversos, constituem um currículo, um currículo artífice. Para fazer fugir de representações,

investir em fragmentos, pois como nas imagens de escritor, educador e curricularista que não atuam sobre páginas em branco, ensinam sobre o nada e elaboram currículo desde o zero, mas considera que “a tela, a página, um curso e um currículo encontram-se cobertos de clichês que raspamos e destruímos para liberá-los dos asfixiantes comentários consensuais, paradigmas enfadonhos repetições mortas” (CORAZZA, 2010, p. 152).

Um mapa de afetações, fragmentado que cobre o experimento cartográfico empreendido, cujo “método analítico consiste, então, em dar visibilidade às relações que constituem uma dada realidade, na qual o pesquisador se encontra enredado” (BARROS; BARROS, 2014, p. 179).

Pode-se então, experimentar as oficinas que complementam o currículo prescrito de uma escola como lugar de um currículo artífice produzir *invenções*<sup>4</sup>. Talvez, essas oficinas sejam um lugar de fazer e falar absurdez, lugar não de descrever ou descobrir, mas de fazer artesanias, pensando com Manoel de Barros, que as coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis. Ora, descrever é pobreza e invenção liberta, mas só de uma invenção absolutamente verdadeira, uma invenção que sirva para aumentar o mundo<sup>5</sup>.

Num movimento outro, talvez, como inspira o poeta, “é preciso transver o mundo”, transformar através das palavras, palavras artesanias, composições enviesadas, produzir coisas que não existem, coisas trocadas, fazer fugir da razão. Então inventa-se uma educação... inventa-se uma escola... inventa-se um currículo... inventa-se um currículo artífice... inventam-se artesanias... inventa-se vidas... desejos... iluminuras para a potência de bons encontros, bons afetos... aumenta-se a potência de agir... e... e... e....

Inventando travessias, produz efeitos de margem: fim das continuidades e ultrapassagem das fronteiras. Encontra mistérios. Cria outras materialidades para os fazeres-saberes. Produz coletividades anômalas, idades bastardas, pensamentos vagos: além de Bem e Mal. Estabelece ressonâncias, articulações, encontros, traduções, transduções entre elementos dos diversos domínios culturais (CORAZZA, 2010, p. 147)

Fragmentar um currículo ao acompanhar processos e linhas que não seguem movimentos retilíneos, antes fazem rizomas, se interconectam em diferentes pontos. Fluxos variados, travessias, ressonâncias, que não possuem início, meio e fim, um mapa-fluxo dos movimentos e afetações de um currículo artífice. Cartografadas de um vivido.

### ***A gente não gosta de padrão***

Uma segunda-feira. No aceite de convite a manhã iniciou às 8hs. Sala lotada, os estudantes vieram para a oficina para a parte final da confecção de suas peças, a fase de montagem das joias. Um mestre-não-ceramista, um artesão de joias, que também no aceite de convite, ajudou os alunos a transformarem suas peças de argila em joias inorgânicas. De início divide-se material, fios, conectores de metal, ganchos, tesouras, alicates. Cada aluno tem o desafio de tramar à sua maneira, ou com auxílio, formas de montagem e acabamento das peças. Logo, muitas combinações foram tecidas e as ideias foram sendo materializadas ou na impossibilidade, repensadas. Tranças, muitos coloridos e diferenciados trançados, muito trabalho sendo desenvolvido. Ajuda aqui, finaliza acolá.

<sup>4</sup> O apanhador de desperdícios (Manoel de Barros, 2015).

<sup>5</sup> Composição com o documentário “Só dez por cento é mentira”, sobre Manoel de Barros. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs>>. Acesso em: 1 dez. 2017.



Então entra uma professora do projeto e ao ver como as coisas estão sendo feitas, num tom desesperado e muito intenso, chama a atenção de todos: “É esse padrão que a gente não quer. É este padrão que o Etnoconexões todo ano quebra. A gente não gosta de padrão!” E provoca todos a pensarem formas outras e tramarem suas composições. Os estudantes iniciam então buscas por outras inspirações e formas de finalizarem suas peças, seja nas revistas e catálogos de joias disponíveis na sala, seja utilizando seus aparelhos celulares para pesquisas online.



Figura 2: Fiar – Fonte: a autora, 2016.

### *Conversa de corredor*

Manhã de vento bom, enquanto aguarda-se a professora-oficineira, observa-se as idas e vindas de alunos, professores eicineiros. Muitas conversas, risos e brincadeiras. Passa turma, volta turma, uns andam, outros correm. Uma fala: “Não aprendem nada de artesão estes meninos, só vão lá (nas salas de oficina do Núcleo de Artes) passear”.

### *Invencionáticas*

Os alunos já desenharam as peças e passaram por outras fases do projeto, alguns inclusive já fizeram peças definitivas que comporão a exposição do Projeto Etnojóias na Galeria de Artes da escola. Trabalham hoje com uma argila diferente da usual na escola, uma argila branca. Dizem os oficineiros ser diferente porque não possui um determinado elemento químico, por isso a cor mais clara e mais manuseável. Régua, estilete, lápis, ferro pontiagudo para fazer furos, óleo, pedaços de cano em diferentes espessuras. Então cortam, modelam e desenharam as/nas peças, Etnojóias que os alunos vêm compondo e experimentando. Oficineiros no auxílio aos alunos em formas de materialização de suas ideias iniciais expressas em desenhos. Alunos no manuseio da argila, medições com régua, desenho de figuras e formas geométricas, triângulos, muitos triângulos, trapézios, quadrados, retângulos. Tamanhos iguais e diferentes. Técnica do rolinho em argila, movimentos de precisão, com cortes e furos e grafismos, para isso repetições, repetições, repetições. Riscar a argila, cortá-la com estilete, molde de papel, teste de exequibilidade das ideias. Atenção, emoções e sensações atravessadas pelas pausas para conferir o celular, as redes sociais, ou apenas para garantir um vínculo com o moderno mundo tecnológico, dito atual.



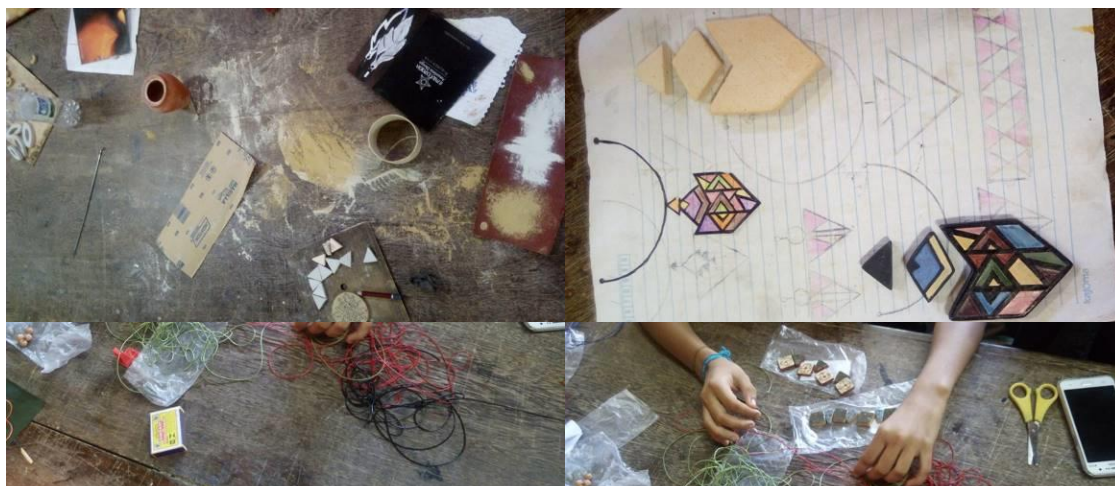


Figura 3: Atividades do Projeto Etnojóias – Fonte: a autora, 2016.

### *Mestres-artesãos e alunos-artífices*

Era novembro, 2016. Duas idas à escola no mesmo dia. Um dia importante para os alunos-artífices e seus mestres-artesãos. O Núcleo de Artes estava mobilizado, mestres oficinairos, coordenação, direção da escola e as professoras de Artes e da Matemática, executavam atividades diversas. Era a abertura da exposição Etnojóias do projeto Etnoconexões.

Na galeria eram feitos os últimos retoques, ajustar luzes, organizar mostruários das peças, decidir onde ficaria cada detalhe que faria parte da exposição, um catálogo com as jóias que foram previamente fotografadas, um caderno para assinatura dos visitantes, o vídeo com as imagens dos alunos em diferentes etapas do projeto, detalhes que iam compondo uma mostra de artes naquele lugar.

Na sala da oficina de dança, corpos agitados de alunos artistas bailarinos que teriam a missão de performatizar uma coreografia, uma composição de corpos ensaiada nos últimos meses como parte inicial da exposição. Os artistas repassavam os últimos detalhes da apresentação, passos, sincronias, expressões faciais, roupas e um fluxo-nervosismo já tomava o lugar, mas eles seguiam nas repetições do ensaio.

Foi preciso ir para casa. No retorno o ensaio daria lugar à apresentação e à abertura da exposição do projeto. Neste movimento o território da escola foi deixado e, antes das dezessete horas do mesmo dia, o retorno aconteceu. Um dia esperado, alunos artífices e mestres-artesãos estariam lado a lado na Galeria de Artes Laís Aderne, suas criações horizontalmente ocupando as salas de exposição.

Um som instrumental com diferentes intensidades moveu os corpos artífices numa performance, zonas de indiscernibilidade entre corpo e espaço, uma forma criativa de experimentação do corpo em movimento que arrastou o público presente a pouco a pouco experimentar o espaço escolar e num fluxo de mãos e gestos e expressões convidou a adentrar o espaço da galeria de artes e a sala da exposição e lá, as Etnojóias, pelas mãos dos alunos artífices, foram ocupando mostruários e compondo uma exposição.

Ali, em uma escola, um núcleo de artes, uma galeria de exposição, um devir-artista era experimentado entre alunos artífices e mestres-artesãos. Separados por uma porta feita de madeira e vidro e maçanetas de alumínio. Uma porta feita de matéria morta, mas viva, movimentada por um currículo artífice. Entre movimentos de abrir e fechar separa dois espaços. Entre um abrir e um fechar não isola fluxos e devires entre mestres artesãos e alunos artífices. Entre-abrir-e-fechar não

há como limitar. Bem ali, no meio, intermezzo, réplica e invenção e criação e tradução e tradição e transdução e... e... e... Entre um e outro, com um e outro, fluxos de vidas.



Figura 4: Mestres-artesãos e alunos artífices – Fonte: a autora, 2016.

Entre-fluxos é possível pensar nos movimentos vividos nas oficinas e ver que uma oficina, como as que produziram as Etnojoias está para além de ser apenas uma oficina, são momentos de experimentação de um devir-artista com a potência de fazer alunos artífices habitarem a galeria de artes com os seus mestres.

Uma linha de experimentação de um currículo, linha dos afetos, na qual importa saber os efeitos de um corpo sobre o outro, como um afecta o outro, aumenta ou diminui sua potência de agir, é um bom encontro ou não, latitude, energia e intensidade. “É para isso que serve uma cartografia, um diagrama, um plano de imanência. Para saber o que pode um corpo. Quais são os afectos de um corpo?” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 69). Ou o que pode um currículo artífice?

Experimenta-se a potência dos encontros entre mestres-artesãos e alunos artífices, entre mestres e discípulos em torno de currículo e aprendizagens, em encontros com a arte, na produção de um corpo-discente e um corpo-artesão outro na escola, que juntos compõem um currículo na produção de desejos, na horizontalidade da experimentação e exposição, dos lugares que ocupam na galeria de artes. Artesanias de homo-artesanarium.

## Referências

BARROS, Letícia Maria Renault de; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 175-202.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alaguara, 2016.

\_\_\_\_\_. *Meu quintal é maior que o mundo: antologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. Diga-me com quem um currículo anda e te direi quem ele é. In: CORAZZA, Sandra Mara. *Fantasia de escrita: filosofia, educação e literatura*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 143-171.

\_\_\_\_\_. *O que se transcreve em educação?* Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

COSTA, Gilcilene Dias da. Currículo e arte: confluências Nietzsche-Deleuze. *Revista Teias*, v. 14, n. 31, p. 147-161, maio/ago. 2013.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Clarice. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 140, p. 587-604, maio/ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25-48.